

Para assessores, uma vida dura

Com a Constituinte, eles dão dedicação exclusiva aos políticos

MARBA FURTADO
Da Editoria de Política

Um trabalho gratificante e gostoso, que faz sobrar pouco tempo para a vida particular mas não é, como pode parecer, uma "vida de artista". A atividade diária começa por volta das 8h, e não tem prazo para terminar. Terno e gravata, almoço fora de casa, agendas, papéis de toda espécie, audiências, telefonemas, visitas, contato com "as bases", esclarecimentos a jornalistas, atenção às notícias, um lanche rápido, a namorada ou a mulher e os filhos esperando. Este é, em geral, o cotidiano de um assessor de deputado ou de senador, que atravessa a semana de ponta a ponta e não respeita sábados, domingos e feriados desde que a Assembleia Nacional Constituinte foi instalada.

Não é exagero nem força de expressão quando um assessor fala que sua vida particular praticamente não existe. Não reclama por estar bastante absorvido pela atividade profissional. Cada um vive mesmo em função da vida do parlamentar e não deixa de trabalhar nem quando o "chefe" viaja. Neste caso, deve trabalhar por dois e saber exatamente o que fazer. E quando fica comprovado seu poder de iniciativa, sua discricionariedade, fidelidade e dedicação. Se está credenciado a falar pelo parlamentar, deve também saber até que ponto vai sua informação ou sua aparente "desinformação", para não passar à frente de quem realmente deve falar.

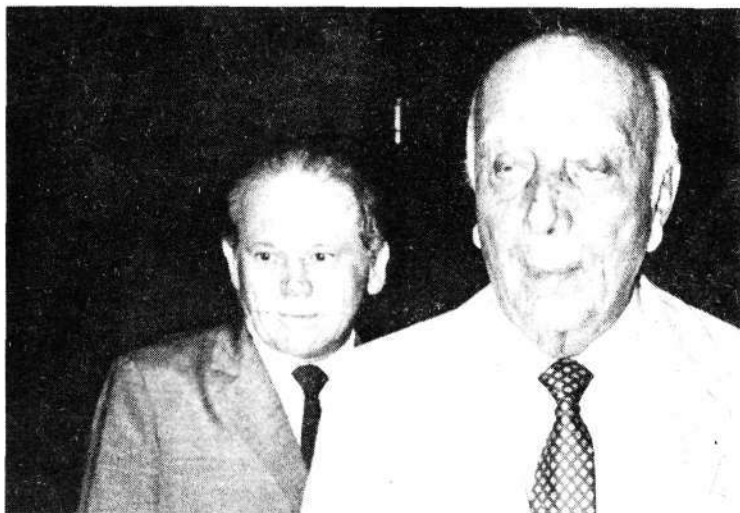
Um exemplo extremo de assessor atento e dedicado é Oswaldo Manicardi, o "braço direito" do presidente da Câmara, do PMDB e da Constituinte, Ulysses Guimarães. Como o deputado, ele se desdobra em três e é praticamente inacessível para uma entrevista. Se não está atrás do parlamentar, sempre com uma pasta cheia de papéis embaixo do braço, fica no gabinete trabalhando ininterruptamente.

"Hoje é impossível", "agora vai começar uma reunião", "acabou a reunião mas tenho que sair", "não posso falar, ele está me chamando" e "fica para amanhã" foram algumas das respostas obtidas após várias tentativas de conversar com Manicardi. Entre um contato e outro, disse que mora com o dr. Ulysses e só tem tempo para o trabalho. Nos finais de semana, em casa, este trabalho continua. As vezes ele é visto na ciclovia do Lago Sul andando com o deputado. Devem ser os únicos momentos de lazer que os dois conseguem roubar da atividade parlamentar.

Quanto mais em evidência está o parlamentar, também mais inacessível é seu assessor direto. O argumento "não tenho tempo" foi repetido por Lucena, assessor do senador Mário Covas, mesmo quando o constituinte não se encontrava em Brasília. Isto não acontece, no entanto, em relação aos profissionais que trabalham diretamente com políticos dos chamados "pequenos" partidos, que têm caracteristicamente uma grande identificação com suas respectivas legendas.

PROFISSIONAL

Acompanhar tudo que sai publicado sobre o Partido dos Trabalhadores, elaborar notas, releases, matérias sobre a Constituinte para jornais da imprensa sindical, contribuir para os boletins do diretório nacional e regionais do PT, organizar entrevistas coletivas, assessorar o movimento popular que procura a liderança do partido. Estas são algumas das funções diárias do assessor de imprensa de Lula, líder do PT, e consequentemente de toda a liderança. O jornalista Márcio Araújo, 30 anos, mineiro de Patrocínio que está há oito anos em Brasília, reuniu "o útil ao agradável" e diz realizar um trabalho profissional, que lhe exige muito, mas dá muito prazer.



Oswaldo Manicardi: a sombra de Ulysses



Geraldo Freire de Brito



André Sant'Anna

Com hora para começar o trabalho, mas sem prazo para terminar. Sem tempo para vida particular e sem sábados, domingos e feriados. Assim vivem os assessores dos parlamentares

Ao contrário da maioria dos assessores que exercem um cargo de confiança nos gabinetes dos parlamentares, Márcio já era servidor concursado da Casa quando foi convidado pelo ex-deputado Djalma Bom para trabalhar com o PT. Além disso, era militante do partido e teve seu primeiro contato com Lula em 1980, em um debate na UnB. O envolvimento com o PT, no entanto, faz com que ele leve ao extremo o exercício da ética profissional.

"Isto não é difícil, já que o PT tem o compromisso com a verdade. A linha do partido se identifica, na prática, com critérios éticos do jornalismo", lembra ele. Cabe a Márcio a atenção total à notícia e o encaminhamento do que sai publicado à liderança. A proximidade com todos os membros do partido lhe dá a informação suficiente para saber informar sobre a atuação do PT em todo o País. O contato com Lula, para ele, é um privilégio, que não acontece só a nível de gabinete, mas pode continuar na mesa do bar, no restaurante ou em outras ocasiões.

Mas são as lideranças populares, os membros de movimentos de base (que fazem da liderança do PT um verdadeiro "QG" de reivindicações e denúncias), os maiores contatos de Márcio. "No Congresso a gente perde muito a ilusão, mas ganha esperança nestes encontros com esta gente realmente voluntariosa", ressalta. Para este trabalho, seja com Lula ou com as lideranças populares, ele precisa conhecer a linha política do partido e saber decodificá-la para agir com iniciativa em função do momento político.

Márcio começa a trabalhar às 9h e não sai antes das 19h da Câmara. Em casa ainda assiste à televisão para ver as últimas notícias do dia. Lê cerca de 15 jornais diariamente, recorta e arquiva tudo que diz respeito ao PT. Depois comenta com Lula o que saiu publicado e também o que não saiu. Discute, emite opinião e reconhece mais uma vez que esta relação é "íntegra e espontânea". Fora do Congresso, arruma tempo para ir ao Clube da Imprensa ou à Água Mineral e, sem-

pre que pode, viaja ou fica com a namorada, também jornalista.

DESINFORMADO

Se Márcio encontra tempo para relaxar, isto não acontece com muita frequência com Jackson Machado, 38 anos, assessor do líder do PDT na Câmara, Brandão Monteiro. Para ele, "a vida particular praticamente não existe", pois tem que ficar à disposição da liderança para qualquer eventualidade, mesmo durante o fim de semana e nos feriados. Com ou sem a presença do presidente do partido, Leonel Brizola, na cidade, ele não chega em casa antes da meia-noite. "A mulher reclama, mas não tem outro jeito", lembra. "As vezes, para relaxar, passo no bar e tomo uma cerveja. Imagina o que é chegar em casa às 2h da madrugada, com cheiro de cerveja. A situação piora", brinca.

Filiado ao PDT há cinco anos, o economista e sociólogo Jackson diz que foi formado para ser assessor e encara esta atividade como profissão, se deixa absorver e sabe até que ponto deve passar por "desinformado" na ausência do líder Brandão. A ele cabe o controle dos projetos elaborados e apresentados pela liderança, os pronunciamentos e a discussão dos fatos do dia com o deputado. Ele reconhece que vive um exercício político diário, mas para ele a política está fora de cogitação. "Não teria tempo para formar nem para informar as bases", ressalta.

Jackson abordou alguns aspectos da vida de um assessor que podem representar a preocupação de todos. Ele exerce cargo de confiança e diz que, por isto, vive a "síndrome da dispensa". Declara ainda uma tensão permanente, pela instabilidade da função, mas também pela diversidade do trabalho e pela situação de todo assessor. "Somos um alvo de fofocas. Qualquer coisa que acontece, alguma notícia que passa, sem que o líder tenha declarado, tem como primeiro suspeito o assessor", esclarece.

Uma situação diferente enfrenta o secretário particular do líder do Governo na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna. André Sant'Anna, 23 anos, um dos sete



Jackson Machado

filhos do constituinte, está credenciado para falar pelo pai, desde que começou a trabalhar diretamente com ele, há quatro anos. Toda atividade relacionada aos contatos com as bases, na Bahia, e função dele. Geralmente viaja para o Estado representando o pai. Percorre várias cidades em um único final de semana, e recomenda o trabalho no gabinete às 8h30 de segunda-feira.

No dia em que foi entrevistado, André tentava arranjar um tempo para cortar o cabelo, e já eram quase 18h. Em geral, ele diz que sai do gabinete às 21h, mas há dias que fica até de madrugada. "Depende da semana", ressalta. Mas se há tempo para a diversão, para passeios e para a namorada, ele não consegue estruturar sua vida suficientemente para concluir o curso de Direito, na UnB, que começou e trancou várias vezes. "Já era para estar formado, mas de repente eu viajo. Veio a campanha dele, e fomos todos para a Bahia, e assim vou levando".

E o que pensa o filho do líder do Governo na Câmara sobre a Constituinte? "Trabalhar aqui é muito bom, dá para ter uma visão do contexto geral", explica. Ele espera que a nova Carta "represente os anseios de toda a sociedade brasileira", pois acha que os constituintes já têm esta representatividade.

OUTROS OLHOS

Há assessores que não vêem nem ouvem nada, por isto não podem falar. Mas há quem se considere "os outros olhos de Gastone Righi" e acha seu trabalho gratificante e gostoso, assegurado pela delegação de poderes dada pelo líder do PTB na Câmara e por uma amizade de mais de cinco anos. Emílio Carlos da Motta Macedo, 34 anos, jornalista, foi fazer uma entrevista e ganhou o amigo Gastone. A partir daí, intensificou seu contato com o PTB, participou da campanha de Jânio Quadros à prefeitura de São Paulo e passou a trabalhar com o deputado em 85.

Seu trabalho como assessor de Gastone Righi começou com um desafio: "Recuperar a imagem do PTB através da atuação forte

de sua liderança é conseguir que o partido passasse a ser encarado politicamente com seriedade". O objetivo foi alcançado, como avalia hoje Emílio Carlos, e para ele, ficou "um sentimento de realização pessoal muito grande". Ele se diz identificado com todo este processo e ressalta, como a maior matéria defendida por Gastone através de emenda, a convocação da Assembleia Nacional Constituinte. Na defesa e divulgação desta ideia, o assessor inaugurou no Congresso o uso da "linguagem panfletária", colocando cartazes pelas paredes e distribuindo notas a todos os parlamentares. "Depois foi o projeto da baleia, que repercutiu internacionalmente", lembra.

Ele fala de Gastone com o orgulho de quem reconhece ter um amigo "de formação clássica, de alto conhecimento, que acaba me puxando para cima". Emílio acha que existe, entre eles, uma complementação de ideias e formação, já que conseguem juntar o eruditismo do deputado com a cultura de massa, contemporânea do jornalista. O assessor chegou a comprar toda a coleção de "Os Pensadores" e sempre procura uma informação geral maior, impulsionado pelo conhecimento de Gastone.

O maior desejo de Emílio, depois de vivenciar o meio parlamentar por mais de dois anos, é ver o Poder Legislativo fortalecido e recuperado em toda a sua plenitude. "Tenho paixão pelo Legislativo e acho que a saída para toda a problemática política, econômica e social está aqui, onde se tem a oportunidade de discutir qualquer assunto", ressalta. Apesar de todo o seu envolvimento com o gabinete do líder do PTB, lhe sobra tempo para a família (mulher e duas filhas), que prefere "curtir" em casa. Só sai para ir ao cinema, para ver filmes ligados a fatos históricos ou biográficos.

CERIMÔNIA

Ao contrário da amizade de Emílio com Gastone, o relacionamento dos amigos Geraldo Freire de Brito e Jarbas Passarinho é bastante cerimonioso. O assessor, que o líder do PDS no Senado chama carinhosamente de "meu assistente-secretário", acha que o ritmo de trabalho deve ser estabelecido pelo parlamentar e a relação entre os dois deve manter uma cerimônia característica do respeito e admiração estabelecida por eles.

Formado em administração de empresas e jornalismo, Geraldo, 44 anos, já trabalha na Casa há 19 anos, através do Centro Gráfico do Senado. Conhece o senador Jarbas Passarinho desde 1976 e em fevereiro foi convidado para ser seu assessor particular. Por causa dele, parou de fumar os dois maços de cigarros que consumia por dia e mudou o horário de seus hábitos diários. Acorda às 5h30, anda e faz cooper na ciclovia do Lago Norte das 6 às 7h e depois nada mais hora. "É a única forma que tenho de fazer o que eu gosto e de aproveitar a infraestrutura que me cerca", diz ele.

Casado, pai de quatro filhos, ele lembra que costuma sair com a mulher na sexta-feira à noite e às vezes, quando não precisa trabalhar, faz um churrasco em casa nos finais de semana.

Se o churrasco é em casa do senador, a família não vai. Não existe, segundo Geraldo, este tipo de intimidade entre os dois. Inclusive, diariamente, a forma cerimoniosa com que se relaciona com o senador, faz com que ele evite começar qualquer conversa. As 8h30 o assessor já está com o senador, entregando a agenda do dia. "Ele é o primeiro a chegar e o último a sair do Senado", informa. Sua assessoria pessoal acontece no gabinete da Liderança, no gabinete de apoio e na Confederação Nacional da Indústria, onde Jarbas Passarinho é assessor técnico do presidente Albano Franco.

José Ignácio quer respeito à nova Carta

O senador José Ignácio (PMDB-ES), 1º vice-presidente do Senado, advertiu ontem que "não somos uma república de bananas" e que "ninguém pode descumprir o que for estabelecido pela Assembleia Nacional Constituinte".

Relator-adjunto da Comissão de Sistematização, José Ignácio acredita que serão poucas as questões polêmicas em plenário. Está havendo um esforço generalizado para o encontro de uma solução de composição antes da votação, que deverá ser em meados de setembro.

IRRITAÇÃO

Para o 1º vice-presidente do Senado, o maior desrespeito à Constituinte foi a declaração do ministro do Exército, general Leônidas Pires, de que não pagará aos militares que forem reintegrados, mesmo que a Constituinte determine.

Reconhece o direito de o ministro do Exército, como cidadão, opinar sobre a Constituição, mas contesta que possa, quer como cidadão quer pelo cargo, dizer que não cumprirá a nova Constituição.



José Ignácio

"Todos nós temos de respeitar a lei e o Ministro não pode afirmar que não a cumprirá. Estamos construindo uma nova estrutura jurídica e todos vão respeitá-la. Pior que a subversão de baixo para cima é esse tipo de insubordinação de cima para baixo, como se caracteriza a declaração do Ministro do Exército" — observou o 1º vice-presidente do Senado.

O Ministro, a seu ver, deu um péssimo exemplo. "Para que estamos nos reunindo para fazer uma nova Constituição? A declaração dele foi insultuosa, mas não intimidará os constituintes."